



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LICENCIATURA EM TEATRO

PAULO VITOR ASSIS BONFIM

Anti-Teatro de simulação: Do simulacro de João e Maria na mudança da  
Capital Sergipana.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de Teatro da Universidade Federal de  
Sergipe para obtenção do grau de Licenciado em  
Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Cristina Baltazar

São Cristóvão – Sergipe.

2025

## Agradecimentos

Pai, filho e Espírito Santo dizem: Haja luz. Alunos dizem: Amém; Mães criam gestos de santidade em santificação. O homem agradece com as palavras que estão no seu coração.

O tempo diz: “Ele é feliz!”. Pelo Campus da Universidade Federal de Sergipe, seus 56 anos sem logos comemorativos, meus professores amigos, meus amigos professores, sobretudo Àqueles que me envelhecem, que pelos desafios que apontaram se cumpriram sobremaneira o estatuto de fazer crescer qualquer coisa das quais possa o humano ser.

Existe um lugar, porém, onde nenhum conhecimento se aplica e me faz obrigatório dizer por pura graça, dos sentidos, das palavras à pele, que propaga o Santo que me dedicou a vida para o escrever. Espírito. Sem merecimento.

Agradeço o favor imerecido de Deus de me presentear os meus pais e consanguíneos, os quais como vocês por Jesus me ter revelado filho, consagra-nos irmãos, a permanecerem como soldados de uma simulação sobre a qual nenhum exército seria capaz de interceptar de afirmação de vida onde há vida.

Dai a Cesar o que é de Cesar, mas sem jamais agradecer àquilo cujos iconoclastas e iconólatras fizeram, mas sem jamais adorar.

Do que Patativa do Assaré sonhou, como Bebe Água saciar, confesso que não sei dizer o que de fato apreendi do aprendizado.

E se fui preso, hoje feito livre para viver a vontade daquele que, depois de deixar desistir de aprender a nadar, daqui do mais profundo oceano da fé, posso afirmar: É uma loucura, do conhecimento de Cristo, que divide o tempo, não poder, em verdade, entra as palavras, falar!

Parousia. Parabellum. Fluendo Crescite. Cristus. Māšīah. O Maioral, sobre o Garcia, às águas que me fez afundar. Yeshua. Mãe, Pai, professora.

## **Resumo**

Este memorial pretende apresentar, através das muitas denúncias como pistas, para concretização das possibilidades democráticas de como fazer e pensar dramaturgia segundo o teatro legislativo de Augusto Boal por meio de diálogo, discurso e diagrama. abordando filosoficamente o fazer teatral no âmbito da educação artística e social do ponto de vista político das questões públicas que envolvem São Cristóvão e Aracaju, sob o tema da mudança da capital sergipana, e consequências das frequentes promoções do bem estar mental e social que tem promovido o governo do estado, partidos, agentes e coagentes populares e intelectuais. Da peça “João e Maria bebem água na mudança da capital sergipana” escrita como diagrama do movimento e memória do sonho de João Bebe Água de 1590 a 2025.

## Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1 – Do teatro do oprimido ao Anti-teatro dos papéis sociais.....	8
Capítulo 2: Discurso. Ou a genealogia do simulacro .....	15
Conclusão, Justificativa, Diálogo ou Ensaio. ....	26
Referências: .....	28
APÊNDICES .....	30
João e Maria Bebem Água, na mudança da capital sergipana.....	30
ENSAIO. ....	38

## **Introdução**

este memorial apresenta o processo de construção dramatúrgica do simulacro de “João e Maria bebem água, na mudança da capital sergipana” em diagrama de um duplo de simulacros de simulação teatro legislativo, que se deu a partir do entendimento das extremidades entre o Bairro Santa Maria, que está em Aracaju e o Bairro Santa Maria, que está em São Cristóvão. Municípios de Sergipe em permanente disputa de território, de modo em que as partes identificadas hoje como de Aracaju pertencem, na verdade, a São Cristóvão, e assim também muitos reivindicam para São Cristóvão o título de capital Sergipana.

Durante o acirramento das disputas políticas eleitorais municipais de 2024 na chamada zona de expansão de Aracaju, estas palavras buscam exercitar, em forma uma literatura teatral, tal produto de natureza artística viva, a ser avaliado por banca de doutores para título ou, símbolo, de graduação sob a perspectiva de simulacro. Um memorial da escrita, com representação teatral do drama através da leitura.

A pesquisa dedicou olhar técnico teatral aplicado ao trabalho de conclusão de curso e sua função social apesar do isolamento político pessoal proporcionado por disputas internas na universidade após aproximados 7 anos de movimento estudantil entre representações discentes em conselhos e colegiados, membro de grupos de trabalho, pesquisa e ação junto entidades sindicais e estudantis.

Por 3 anos, dedique-me, então, a uma vivencia empírica e formativa no seio de uma das ocupações por moradias populares na região mais extrema da Terra Dura, como é conhecido o Santa Maria, bairro dito de Aracaju. Mas, também vivi por lá 13 outros e paralelos anos de contemplação no programa habitacional do Programa Minha Casa Minha Vida a partir do meu núcleo familiar original, na mesma região. Longos anos de construções em vivências habitacionais no perímetro mapeado conhecido como Ponta da Asa que se segue por 1,5km, com aproximadamente 4.500 habitantes - da rotatória do bairro 17 de Março até o Vale do Amanhecer, pouco antes da antiga lixeira entre os municípios - mais apropriadamente nos conjuntos habitacionais Jardim de Santa Maria, próximo e desconexo ao Getúlio Alves Barbosa, desde a sua construção e entrega sem que estivessem prontos, mesmo com a reforma novamente com recursos federais, o Horto Santa Maria, onde antes havia uma lagoa, o Vida Nova Santa Maria que, a exemplo do Getúlio Alves, deixou de ser entregue ao ponto de ser ocupado por

outras pessoas em vulnerabilidade social, desmontado e reformado por um valor mais alto que o da construção primária. Como outros bairros: o 17 de Março, cujo investimento ultrapassa 73 milhões em recursos federais na primeira etapa, o conjunto Mangabeiras e o histórico de sua ocupação, além das ocupações Valdice Teles e Manoel Edivaldo, que poderiam vir a ser considerados como aglomerados subnormais construídos com recursos do Minha Casa Minha Vida. Enfim, prática prevista e instruída de combate no programa do Minha Casa Minha Vida, tomando como essência a perspectiva teatral diante de atos legislativos no corpo representativo da ocupação e seu território no lugar da propiciação de mapa de simulação. Este simulacro literário.

Aqui, ao contrário, será o mapa que precederá o território, ocupado de apontamentos, pistas, trilhas e migalhas, falaremos disto em forma de ensaio, no segundo simulacro parte deste diagrama, que se encontra no apêndice, após a peça. Ensaio ou introdução platônica aos pensamentos de Augusto Boal, Jean Baudrillard e Gilles Deleuze, os dois últimos em contraposição, mas em rizomas e em platôs observacionais filosóficos, psicológicos e sociais que analogamente constroem um lugar de onde não se vê apesar de todo um panorama por ausência de referência.

Um anti-teatro. Lugar de onde não se vê. Ponto cego na vista. Em nosso caso, especificamente, a partir do olhar das crianças da ocupação Manoel Edivaldo, ocupação cujos lotes são divididos por uma rua de barro entre Aracaju e São Cristóvão.

Foram desenvolvidas junto à ocupação, através aprovação em assembleias, a minha participação em atividades de mostra de cinema, banca de reforço escolar individual e coletiva, monitoria, plantio e cuidados com a terra, além das atividades teatro legislativas de ocupação com fins democráticos de validação da terra enquanto lugar formador de identidade comuns a uma ocupação, por exemplo. Além de atos de rua e articulações para realização das atividades, como com a mercearia Vida Nova, a Neto Barbearia... As atividades incluíam planejamento e articulação para garantir alimentação junto à barraca de lanche de Márcio, e que ferramentas fossem doadas, emprestadas ou usadas pelos moradores.

O ponto de partida para o assunto, a mudança da capital, alude, mas não justifica, a escolha do conto de fadas de João e Maria, ou da estética de simulacro, pois, está no movimento prévio e quase imperceptível do fazer histórico das políticas de marcos territoriais legais e interesses pessoas de grupos. Antes esse se apresenta aos

moldes de interpretação tal qual os vendedores de alta performance em salas de vendas de cotas imobiliárias, no qual João e Maria são o alvo do mercado.

O teatro legislativo, que a partir da conscientização da classe e da ação cultural teatral no âmbito da performance social, na interpretação de papéis diante da delegação de tarefas, assimila a mudança da capital para outro movimento que se dava no cotidiano raro de ser criança no dia de uma ocupação: o dia de mudar da rua de baixo e sair do aluguel nos sobrados, para a construção diária de uma nova vida, na rua de cima que divide duas cidades entrecortadas por uma Avenida Brasil e uma Pôr do Sol, agora tendo mais que um nome com endereço. O texto cênico, em si, representa simbolicamente a perspectiva infantil e os diálogos cifrados dos adultos diante dos ouvidos de meninos, que envelhecem, e que com um tempo, na democracia esperamos que deixem de ser Reis.

Mas como em toda disputa existem lados, seguramente, opostos, que andam paralelos na história de Sergipe e se confundem com o pensamento e com os nomes que significam cada um de seus personagens, em um contexto de leitura dramática para memorial a ser defendido enquanto simulacro, simulando o simulacro da sua simulação, um trabalho de conclusão de curso cujo algodão doce era como bolo de aniversário no dia da aplicação do drama à leitura.

Existe, porém, o ponto de vista de um curso, destino ou rota, que não se esgota no âmbito do conhecimento, o qual chamamos de educação, que através da arte se amplia na estética, de modo que suaviza os pixels da memória em quadros fluidos e corriqueiros, sensíveis e personalizados segundo cada um. Até a universalidade onde isolamos um fato para esquecer que o mundo é um todo. O mundo do teatro como exercício da cegueira para consenso hegemônico em simulacro de uma simulação dentro de uma simulação institucional, seja em práticas eletivas ou deleções compulsórias, tudo aquilo que não sobe no palco também é teatro.

Anti-teatro é aquilo que o teatro desvela, a natureza da composição apesar do simulacro de toda uma misancene representativa, o bicho por detrás do ator social. A redenção simbólica, apesar da falta trágica.

E onde está a estética nisso tudo? Na vida real, apesar de nosso contexto hiper-realista de uma não realidade.

Do capítulo 1:

Augusto Boal desenvolveu o Teatro Legislativo com intenção clara de representar o povo e a coletividade a partir de seu cargo de vereador na câmara do Rio de Janeiro.

No Teatro Legislativo procura-se trazer o teatro outra vez para o centro da cidade, onde se deve produzir não a catarse, mas a dinamização. Seu objetivo não é o de arquitetar espectadores, reverte-los a um estado de equilíbrio e aceitação da sociedade tal como é, mas ao contrário, intensificar seu desejo de transformação. O teatro do oprimido busca desenvolver o desejo de criar o espaço no qual se possa ensaiar ações futuras. O teatro legislativo procura ir além e transformar esse desejo em lei. (Boal, 1996, p.46).

Encontraremos a elucidação dos fins do Teatro do Oprimido em seus frutos legislativos, em paralelo a dissociação do FASC dos objetivos de sua fundação e fomento de consenso hegemônico, que Data Vênia, de tudo propiciou a reafirmação do sonho de João Nupomuceno Borges, sem o qual não seria possível a escrita desta dissertação, cujo nome perpetua em frente a três cidades históricas João Bebe Água, enquanto passam carros por debaixo da ponte onde pessoas dormem: a cidade sem dormitórios professor José Aloísio de Campos (Cidade Universitária), a histórica São Cristóvão e Aracaju, a déspota?

No caso do FASC, ao analisar os investimentos aplicados por órgãos federais e atuações dos gestores na elaboração do evento, Sônia Azevedo chama atenção para a existência de um "Jogo de interesses", permeado por negociações e consensos (Santos, 2015, p15).

Falaremos, quanto ao que propõe Boal referente ao ethos social negativo agindo em prol de uma hamartia negativa, concordes em representação ao genocídio dos povos originários ou dos pobres e mais e mais periféricos de tempos em tempos. Abordaremos a postura de João (Bebe Água) diante da abertura dos portos de Aracaju para o tráfico de pessoas negras escravizadas. Pretendemos elaborar um contraste entre o ethos social universitário e o seu modo de produção mimética do Teatro do Oprimido seduzido por um ideal de revolução sempre disposto a não acontecer, por espera de seu ideal de revolução, refletida nas práticas de produção dos bolsões de pobreza capitais para produção e fomento de currais eleitorais em Sergipe, na intersecção entre zona periurbana de Aracaju e rural de São Cristóvão.

Pretendemos mostrar uma correlação entre a moral afastada da acepção de Cristo diante da queda, justificada, deste tipo de oposição, entre sócio e sociedade, em um contexto de simulação que se dá através de pactos, e já no fim, distantes da moral, um

pacto econômico, onde todos aqueles adorarão a imagem bélica e bestial que se opõe à paz.

Foi aí que comecei a sentir vontade de inventar alguma forma de teatro... não era possível aceitar que tão boas ideias surgidas no teatro fórum não fossem aproveitadas em outras instancias. Não seguissem adiante, não se alastrassem pela realidade... O fórum é uma reflexão sobre a realidade e um ensaio para uma ação futura. O espectador entra em cena e o ensaio é o que é possível fazer na vida real. Pode ser que a solução dos seus problemas dependa dele próprio, da sua vontade individual, do seu esforço, mas pode também acontecer que a opressão esteja na própria lei opressiva, ou na ausência de lei necessária. Libertadora. Nesse caso, seria preciso transforma-la, criá-la, ou recriá-la: Legislar; Como? Ai terminava o poder do teatro (Boal, 1996, p. 33).

Os dados referentes ao bairro Santa Maria, podem ser sensíveis e notoriamente piorados com o passar dos anos após a Pandemia, haja vista serem de 2019. Revelam a crueldade da produção de aglomerados subnormais com recursos do Programa Minha Casa Minha Vida e a relação do município de Aracaju com as terras que se apropriou de São Cristóvão apesar da Constituição. Isso, através de condutas eleitoreiras que distorcem a própria realidade para caber nos números e nas formas de fiscalização das obras de homens, que a cada 4 anos reaparecem didaticamente ensinando a votar e dialogam com a perspectiva de fuga ou descaminho ao qual entregam os pobres daquela região.

## Do capítulo 2:

Por meio dessa iniciativa revolucionária de Augusto Boal, foram aprovadas 13 leis municipais e vários outros projetos de lei foram apresentados à casa, embora não tenham vingado. Do Teatro Legislativo também saiu a proposta que resultou, em 1997, após o final do mandato de Boal, na Primeira Lei Brasileira de Proteção às Testemunhas de Crimes, que inspirou a Lei Federal de Proteção às Testemunhas, a Lei nº 9.807/99. (Levenstein, 2012, s.p.)

O capítulo 2 busca situar o leitor na obra “João e Maria bebem água, na mudança da capital sergipana” e analisar movimentos de forma genealógica, referenciadas nas questões levantadas no capítulo 1.

Pretendemos apresentar suas fragmentações e correlações históricas diretas ou alusivas, segundo os movimentos internos da dramaturgia e da simulação. Aborda, já do

ponto de vista de um novo real, a hiper-realidade, onde torna-se possível discutir a volta de São Cristóvão à capital sergipana e a importância da profecia de Bebe Água. Essa profecia se cumpriu passados mais de cem anos, em 01 de setembro de 1972, quando o governador de Sergipe, Paulo Barreto de Menezes, decretou a transferência da capital para São Cristóvão, por 24 horas, em virtude da realização do I FASC. Nesse dia, os sinos das antigas igrejas soaram enquanto explodiam fogos de artifício, trazendo, à memória, o desejo de João Bebe-Água.

[...] O estilo de festival escolhido trazia uma proposta fundamentalmente pedagógica: educar através da arte. A escolha de São Cristóvão como sede também fora motivada pelo interesse em se "comemorar" a independência do Brasil em um espaço que fomentava a construção da imagem de um passado glorioso que remetia ao período colonial... A ideia parece ter agradado ao MEC, que na segunda edição do evento, em 1973, investiu recursos financeiros através do Conselho Federal de Cultura (CFC) a fim de incentivar a promoção (Santos, 2015, p. 12).

Os movimentos internos do texto serão ressaltados e referenciados em exemplos com os quais buscamos correlacionar os conceitos filosóficos do primeiro capítulo com a peça como mapa, ou parte do diagrama, ou simulacro que virá no apêndice junto ao ensaio. Esse capítulo utiliza referências de autores sergipanas para abordar a matança e o ritmo de farsa da colonização no Nordeste, muito próximo da farsa do mercado ultra-neo-liberal atualmente.

Assume a constante produção desenfreada de novas referências, o tempo todo numa súbita sedução em cada fala. Perda do caminho. Uma repetição da queda diante da misericórdia que é o dom da fé na graça manifesta enquanto arte na vida de milhares e milhares de artistas e religiosos cristãos.

Quem foi João Bebe Água? Segundo o cordel de Chiquinho de Além Mar:

Com o dom que Deus me deu  
Vou até pra Nicarágua,  
Faço rima, conto histórias,  
Sem guardar rancor ou mágoa.  
Vou narrar hoje a vida  
Do grande João Bebe-Água...

Nascera em São Cristóvão

No ano de 23 (1823)  
Era um autodidata  
Com talento de burguês  
E tinha grande domínio  
Sobre o nosso português...

É João Nepomuceno  
O seu nome original  
Um nome bem conhecido,  
Um homem sensacional,  
Uma peça bem atuante  
Da antiga capital...

Francisco Borges da Cruz  
Foi seu pai e capitão,  
Silvério da Costa Borges  
Foi seu único irmão,  
São Cristóvão foi o alvo  
Da sua adoração...

Foi grande trabalhador,  
Tinha arte e maestria.  
Ele foi um patrão-mor  
Na ilha Santa Luiza,  
Amanuense e entre outras  
Funções que ele exercia. (Santos, 2012 p.62-63).

## Capítulo 1 – Do teatro do oprimido ao Anti-teatro dos papéis sociais.

Em 2023, na 38ª edição do Festival de Artes Cênicas de Sergipe, conhecido por se tornar um espaço de formação de grandes consensos hegemônicos, veio à tona o sonho de João Bebe Água: que um dia São Cristóvão voltará a ser a capital Serigy, em forma de exposição de arte visual:

“João Bebe Água é um ilustre sergipano sobre o qual a historiografia precisa se debruçar, aprofundando o conhecimento sobre sua vida e sua atuação como um defensor da sua cidade e da sua gente”, ressalta Adailton, historiador e diretor do Arquivo Municipal de São Cristóvão. Conforme explica o historiador, a exposição remonta ao “Sonho de João Bebe Água” (Infonet. 2023, s.p.).

João Bebe Água era o nome da rodovia em frente em a Universidade Federal de Sergipe e a jovem Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos. A história ressalta a cor de sua pele, a ascendência partidária ligada a profissão que exercia, a qualidade da sua fé na Igreja do Rosário dos Homens Pretos no centro histórico da capital. João Bebe Água teria ficado cerca de 30 anos sem pisar na chamada Aracaju, cuja abertura dos portos poderia significar mais violência dado o tráfico de pessoas negras escravizadas, até que os coronéis passassem à Princesa Isabel as terras de Alagoas e Sergipe para a sua terceira regência. João Bebe Água resistiu em uma luta diária de profissão de fé na articulação de seu comércio, quadras populares de pedidos de proteção e orientação ao santo Cristóvão de Barros. Membro do partido liberal, articulou por uma vida a volta, repetindo a profecia. Parousia.

João Bebe-Água era membro do Partido Liberal. Ele viu seu comércio falir, foi rotulado louco, patriota insano, um maltrapilho que morreu sonhando com o retorno da capital a guardar foguetes para estourar nesse dia.

Lembrando conhecido jargão da historiografia francesa “História faz-se com documentos”. Eis que entre papéis antigos do Arquivo da Prefeitura de São Cristóvão descobrimos que o homem simples gozava de prestígio perante a população sancristovense. Era vereador em 1864 (Fragata, 2013, s.p.).

Para Augusto Boal, outro vereador no qual temos interesse, a melhor tradução para “mimesis”, de Aristóteles, elemento crucial no teatro, nada tem a ver com cópia de

modelo exterior. Muitas vezes traduzida como a arte imita a vida, ou “a arte imita a natureza”, isto é uma má interpretação.

“Na verdade quer dizer: A arte recria o princípio criador das coisas criadas” (Boal, 1991, p19).

O Teatro do Oprimido traz uma hipérbole comedida em possibilidades de rizomatização das palavras e da forma de pensar e agir teatro; revela socialmente onde a profundidade está, onde a contra-vontade está no pensar em Romeu, que não é ele nem eu, mas você que renega o nome de Julieta, por ser tão chata, tão inflexiva, nem mesmo pontual e musa nos seus desvarios. Orgulho, queda, pecado. Como: “Estamos bem aqui, vivemos nas drogas,” está escrito nos muros, a expressão do desespero, de apresentar-se catártico o bastante sem contar a verdade. No caso da Universidade Federal de Sergipe, mais próximo do que Jean Baudrillard propõe, toda ela está seduzida pelo ideal de revolução e, por isso, ela mesmo não acontece.

Ela mesma construída no período ditatorial do Brasil. após democratização, expõe a total falta de referência no critério de escolha à liberdade. Bem e mal, sair, permanecer, ser, não ser, você é. Pílulas de uma Matrix que corrobora para um estatuto ampliado do capitalismo que afirma morte no lugar de vida como transformadora social, mas ela mesmo pretendendo vida, o que, no mínimo, soa contraditório. Pobreza de ontem, pobreza de antigamente, são as mesmas, não falo somente dos programas habitacionais, mas, Na alma.

Através da empatia, essa mesma hamartia que o espectador possui é estimulada, desenvolvida, ativada. (Boal. 1975. p.50)

Toda escrita desde o discurso ao diagrama, poderia se apresentar e resumir apenas enquanto contra vontade. A contra-vontade é um termo técnico utilizado por ele para definir movimentos da ação dramática contrárias ao viés da pura interpretação, intrínseco ao não ser, de maneira axiomática de uma transferência do ator para o personagem de algo de sua memória como sensação a ser exprimida. A afirmação de Cristo como a morte da razão, e a entrega do ator como muitas vezes passível de serem confundidas com uma queda da própria experiência racional com o teatro, no renegar-se de cada personagem de si. Como no amor em Romeu e Julieta, em renegar o teu nome,

e o nome do teu pai. Deixar de “Serduzir-se” a papéis correspondentes eles mesmos aos simulacros que compõem

A contra-vontade é o que surge no personagem contrapondo-se à sua vontade. Ao fazer uma declaração de amor, o personagem tem medo de ser rejeitado; ao liderar uma greve, medo de ser derrotado (Boal. 1996, p.88).

Até que tudo é modificado por alguma coisa que Segundo Boal:

Aristóteles chama de “Anagnorisis. isto é, pela explicação, através do discurso, da sua falha, no reconhecimento dessa falha como tal, o herói aceita seu próprio erro. Confessa seu erro, esperando que, empaticamente, o espectador também aceite como má sua própria hamartia. O seu desígnio de coração obstinado pelo que é. (Boal. 1975. p.51).

Embora seja considerada como “a tragédia sergipana” a história do poeta Fausto Cardoso, deputado assassinado pelo estado na antiga praça do imperador cujo crime:

[...]Foi motivado por um confronto político e ideológico envolvendo Fausto Cardoso e o ex-presidente de Sergipe, o padre Olímpio Campos. Fausto não aceitava a adesão do governante à República e fazia discursos inflamados contra o posicionamento dele. O deputado federal acusava Olímpio Campos de uma manobra para criar duas novas vagas no Tribunal de Relação - uma delas para o seu irmão, Guilherme Campos - e depois extingui-las, afastando dois antigos desembargadores, seus adversários. [...] Outras denúncias diziam respeito a uma série de leis criadas por Campos. Uma delas determinava que nenhuma ação judicial poderia contestar os atos do Poder Executivo Estadual. Outra tornava obrigatório o seguro para animais, ao mesmo tempo que indicava a Companhia de Seguros ‘Garantia Equestre’, que seria de um amigo dele (Agência Aracaju de Notícias, 2009, s.p.).

A história de Sergipe pode ser observada como de enredo trágico, em minha opinião, como mesmo a história do Brasil, ou da humanidade, pela Recusa do teu nome, da negação de Cristo como salvação e se confundem com um oceano, um rio, um continente, borboletas e furacões, com simulacros de simulações de empresas públicas ou instituições privadas que tentam salvar-se, mais ou menos democráticas, mais ou menos populares, mais ou menos participativas.

Neste caso, da simulação em questão, como propõe Boal, da catarse: a purificação da hamartia, acontece através de três etapas bem determinadas e claras.

Primeira Etapa – Estímulo da hamartia; o personagem segue o caminho ascendente para a felicidade, acompanhado empaticamente pelo espectador. Surge um ponto de reversão: O personagem e espectador iniciam o caminho inverso da felicidade à desgraça; Queda do herói.

Segunda Etapa – O personagem reconhece seu erro: ANAGNORISIS. Através da relação empática dianóia-razão. O espectador reconhece o seu próprio erro, sua própria hamartia. Sua própria fala anticonstitucional.

Terceira Etapa – Catástrofe: O personagem sofre consequências do seu erro de forma violenta, com sua própria morte ou com a morte de seres que lhe são queridos.

Catarse – O espectador, aterrorizado pelo espetáculo da catástrofe, se purifica de sua hamartia.

Ethos Social – Refere-se ao coletivo do Ethos. “Que é um conjunto de faculdades, paixões e hábitos” (Boal, 1991. p.49).

“Anagnórisis”, expressa a morte da razão original, de sua representação também, da razão, dianóia, matéria prima de queda, corpo aberto, autossuficiência.

Fé é Ciência inversa à razão. Movimento de percepção. Cair em si. Ver de fora da sedução. *Sedusiancé* de Baudrillard, por Aristóteles, nos diz Boal:

Ele nos diz que a poesia, a tragédia, o teatro não têm nada a ver com a política. Mas a realidade nos diz outra coisa, sua própria poética nos diz outra coisa que temos que ser muito mais amigos da verdade: Todas as atividades do homem, incluindo-se evidentemente todas as artes, em especial, o teatro, são política. E o teatro é forma artística mais perfeita de coerção.  
(Boal, 1991, p.53)

Boal descreve três distintos tipos de conflito neste sistema.: Hamartia x ethos social (A sociedade perfeita aqui encarada como simulação encantada segundo Baudrillard.) Para Boal, para que esse sistema funcione, é fundamental que:

“a – Exista um conflito entre o ethos do personagem e o ethos da sociedade na qual vive o personagem” (Boal, 1991. p.53).

Aqui, do que descreve Boal, nos interessa principalmente a característica “hamartia negativa x ethos negativo”.

A palavra “Negativo” é aqui utilizada no sentido que se trata de um modelo exatamente oposto ao modelo original, dito “positivo” – não se refere a nenhuma qualidade moral. Como, por exemplo, numa fotografia negativa tudo que é branco aparece negro e vice-versa.

Este tipo de conflito ético é a essência do “drama romântico”, e tem na “Dama das camélias” o seu melhor exemplo. A hamartia do personagem protagonista, como no caso anterior, apresenta uma coleção impressionante de qualidades negativas: pecador, erros, etc. O ethos social (Isto é, as tendências morais, a ética) da sociedade, ao contrario do exemplo anterior (Terceiro tipo) é aqui inteiramente de acordo com o personagem. Quer dizer: Todos os seus vícios são totalmente aceitos e o personagem nada sofreria por possuí-los.

Vejamos a “Dama das camélias”: em uma sociedade corrompida que aceita a prostituição, margarida Gauthier é a melhor prostituta; o vício individual é defendido e exaltado pela sociedade viciosa. Sua profissão é perfeitamente

aceitável, sua casa frequentada pelos melhores homens da sociedade, considerando-se que se trata de uma sociedade cujo principal valor é o dinheiro. Sua casa é frequentada por financistas... A vida de Margarida está cheia de felicidades! Mas, pobre! Todas as suas falhas são aceitáveis, mas não sua única virtude! Margarida se apaixona. Isto é: ama verdadeiramente. Ah, isso nunca, isso a sociedade não pode permitir! É uma falha trágica! Isso tem que ser castigado!

Também neste gênero de drama romântico a catástrofe é inevitável. E o Autor romântico espera que o espectador seja purificado não da falha trágica do herói, mas sim de todo o Ethos da sociedade.

... Dr. Stockmann apresenta um *ethos* perfeitamente idêntico à sociedade na qual vive, sociedade baseada no lucro, no dinheiro; mas apresenta igualmente uma falha: é honesto! Isto a sociedade não pode suportar, nem pode tolerar! O tremendo impacto que esta peça costuma ter baseia-se justamente no fato de que Ibsen de mostra (Desejando-o ou não) a impossibilidade em que se encontra a sociedade baseada no lucro em apregoar uma “moral elevada”. O capitalismo é essencialmente imoral por que a busca do lucro, que é a sua essência, é incompatível com a moral que apregoa de valores superiores, de justiça etc.

O Dr. Stockman é destruído (isto é, perde seus postos na sociedade e o mesmo ocorre com sua filha Petra, quem quer perde sua integração numa sociedade competitiva?), justamente por sua virtude fundamental que é, aqui, considerada vício, erro, ou falha trágica (Boal. 1991, p. 60).

A crise ética que se perpetua a anos no Brasil pós pandemia investiga crimes de tentativas de golpe de estado, prendendo generais do alto escalão, mas ainda admite uma realidade política na qual nunca ver o deputado em sua cidade é normal, enquanto crimes de lesa pátria são enviados para aceitação pública como o roubo da merenda escolar ou investigados por desvio de 300 mil reais assumirem cargos de deputado federal na suplência de um outro investigado por lesa pátria.

A luta de classes que reverbera no dia-a-dia, enquanto uns escalam 6x1, outros escalam para Miami, das expressões sociais corroboradas pela ação dos coagentes sociais, compõe os simulacros de institucionalização do conhecimento, na qual ela se aplica ao que serve e como se afirma sem referencial real, em tradução e semântica da palavra como caminhando da história, perigosamente avessa um fascismo, na qual a ignorância das prisões sociais não representa mais nada diante da imagem da cruz e da revolução que é Cristo.

Para Jean Baudrillard (Baudrillard. 1991), do ponto de vista do destino indelével da política ser a sedução, este memorial reflete o dever da escrita a partir do exercício de gênero literário profético para uma dramaturgia legislativa da volta de São Cristóvão como capital sergipana, aplicada sobre uma estratégia de real, produção desenfreada de novo real do ponto de vista do debate dogmático do que significa democracia segundo

Baudrillard como uma dobragem de afirmação de morte Hiper Real; da dinâmica do Big Brother Brasil, do existencialismo de Sartre e sua revolução de 1968 frente ao “homem revoltado” de Camus. Do poder da ciência a partir da negação do lugar de onde se vê, do não teatro, do ponto de vista do não ver, da denúncia dos olhos que escolhem não enxergar, do pão e circo, Severino! Às vidas secas; pois, muitos que tinham olhos não se deram o trabalho de ver.

Do lugar de onde se vê no grego, *Theatron*, da democracia, a ideia da caverna que sobretudo revela o homem que volta. Ser de fato o político não para condensar consensos hegemônicos, mas para provocar o debate.

Segundo a Mapografia social do Bairro Santa Maria, desenvolvida pela secretaria da assistência social no ano de 2019,

Os bolsões de pobreza, localizados nos bairros Porto Dantas, Japãozinho e Santa Maria são pontos com extrema vulnerabilidade social, com famílias vivendo em condições precárias, marcadas por altos índices de analfabetismo e baixa escolaridade, que dificultam o acesso ao mercado de trabalho formal, comprometem as relações sociais no território e relegam a sua população a formas de emprego precárias e até degradantes (Aracaju, 2019, p. 9).

O Bairro Santa Maria foi o que apresentou a maior quantidade de pessoas vivendo com rendimento abaixo da linha da pobreza, seguido pelo Farolândia e Santos Dumont. (Aracaju, 2019, p. 10).

Os dados apontaram, em Aracaju, 801,1 mulheres nessas condições.

A desigualdade de rendimentos ainda é bastante forte na capital. Enquanto no bairro Jardins, o valor do rendimento médio dos moradores era de R\$ 6.925,13, (maior rendimento entre todos os bairros da capital), o Japãozinho, tinha uma média de R\$515,07, apenas 7,4% do valor do rendimento médio mais alto. (Aracaju, 2019, p. 11).

Um total de 10.933 mulheres jovens entre 15 a 29 anos, chefes de família, ou seja, assumiam também a responsabilidade pelo provimento da família. Do total de mulheres chefes de família no município, 14,4% estavam nessa faixa etária. Os bairros com maiores percentuais localizam-se nas áreas mais periféricas de cidade. Os destaques são os bairros: Santa Maria... (Aracaju, 2019, p. 30).

Na região mais central, onde estão localizados os bairros com maior rendimento médio, as taxas de alfabetização são maiores... Por outro lado, os bairros Santa Maria, Japãozinho e Porto Dantas, bairros com maiores índices de pobreza, a taxa de pessoas não alfabetizadas gira em torno de 15%, comprovando a correlação entre pobreza e analfabetismo. (Aracaju, 2019, p. 25).

No município de Aracaju, são 15.281 jovens homens entre 15 a 29 anos que são chefes de famílias, ou seja, são responsáveis exclusivos pelo provimento da família. Do total de homens chefes de família, 16,4% estavam nessa faixa etária. Os bairros com maiores valores absolutos e relativos são Santos Dumont, Santa Maria e São Conrado. Não obstante serem bairros populosos, em termos percentuais estes bairros também se destacam... Com relação aos bairros com menor número de jovens provendo a família, estes estão localizados nas áreas mais nobres da capital, como São José, bairro conhecido pelo alto número de idosos, além de Salgado Filho, 13 de Julho e Jardins, bairros com alto poder aquisitivo. (Aracaju, 2019, p. 29).

Hoje, em um contexto de extensão universitária, relativo às artes ou interpretação dos papéis sociais em cargos de representação estudantil, a visão de ethos, pessoal ou social e coletivo se confundem com a persona que interpreta cada papel em face de aprisionamento da moral, em face de afirmação dos costumes. Da linguagem, seja ela neutra ou etimológica, em cada simulacro, produz conhecimentos em torno de bolhas de diálogos de formas etnocêntrica.

Boal propõe:

Todos passamos vivos para a luz espectral da etnologia, ou da anti-etnologia, que não é mais que a forma pura da etnologia triunfal, sob o signo das diferenças mortas e da ressurreição das diferenças. É, pois, de uma grande ingenuidade ir procurar a etnologia junto dos selvagens ou num qualquer Terceiro Mundo – ela está aqui, em toda parte, nas metrópoles, nos brancos, num mundo inteiramente recenseado, analisada, depois ressuscitado artificialmente sob as espécies do real, num mundo da simulação, da alucinação da forma simbólica e da sua retrospeção histórica, histórica – assassínio que os selvagens *noblesse oblige*, foram os primeiros a pagar mas que desde há muito se estendeu a todas as sociedades ocidentais. Mas ao mesmo tempo a etnologia dá-nos a sua única e última lição, o segredo que a mata (E que os selvagens conhecem bem melhor que ela): A vingança do morto. O encarceramento do objeto científico é igual ao dos loucos e dos mortos.” Senão morrer contaminada pela morte deste objeto que é o seu espelho Inverso. Aparentemente é ela que o domina mas é ele que a investe em profundidade, segundo uma reversão inconsciente, dando apenas respostas mortas e circulares a uma interrogação morta e circular (Boal, 1991. p.16 -17).

Apesar de tudo que sabemos e vivemos ainda vivemos como se não soubéssemos de nada. Provação:

## **Capítulo 2: Discurso. Ou a genealogia do simulacro**

A peça busca trazer a genealogia das representações no simulacro ou dramaturgia, de pontos de vista do imaginário popular infantil, quanto às mudanças da capital sergipana limítrofe à zona periurbana de São Cristóvão em intersecção com Aracaju, desde a ocupação Manoel Edivaldo, dividida ao meio no bairro Santa Maria entre São Cristóvão e Aracaju. Palco de disputa territorial em Sergipe, para a Universidade Federal de Sergipe.

Nossos subtemas são os decretos governamentais sergipanos de mudança da capital de 1855, 1871, a Ocupação Manoel Edivaldo (Nº Processo 202310901348 – Número único 003305-58.2023.8.25.0001) e seu enfrentamento histórico por moradia de qualidade utilizando recursos do Minha Casa Minha Vida, em região periurbana limítrofe a dois municípios, além da história da fundação da cidade, em 1590, o crescimento da capital sentido rio Poxim e a produção de textos cênicos simulacros em forma de nova simulação de anti-teatro na disputa territorial, em 2025.

Trata-se de uma peça que aborda aspectos do imaginário infantil sobre como se deu a mudança da capital sergipana de forma bibliográfica e fictícia, usando a história popularizada como de “João e Maria”, baseado no lugar de onde se vê variados pontos de vista da história em seu aspecto genealógico colonizador, religioso e político, próprio da fundação e frequentes mudanças da cidade mãe de Sergipe, resultado da disputa por territórios.

Que possa resultar futuramente em produto de montagem didática teatral com até 40 minutos de duração, para fomentar a escrita dramaturgical ao modo de arguir prepositivamente cumprimentos, descumprimentos, ou alteração de projetos de lei de teatro legislativo sergipano, com base no decreto assinado pelo prefeito Edivaldo Nogueira, em 2024, de reconhecimento de área dos lotes 316, 317, como área de interesse social. Podendo fazer cumprir também nos lotes referentes a São Cristóvão.

Há também um viés cultural e patrimonialista que pinta a estética em memória das obras de João Nupomuceno Borges, João Bebe Água, o qual recebeu pra si em sonho, uma profecia de que um dia, ao som de fogos de artifício e sinos catedráticos, São Cristóvão voltaria e ser a capital de Sergipe Del Rey, aqui aos pés do Rio de Santa Maria até o dia de nosso senhor.

Hoje vemos a necessidade de reintegração de posse a São Cristóvão das terras tomadas indevidamente por Aracaju, ou as consequências da ausência de chamada do plebiscito que deveria conscientizar o povo da história para além dos interesses políticos e econômicos, do quão significativa parte de população sergipana sofre na mão da especulação imobiliária na tal zona de expansão.

Quanto aos personagens, João alude à figura histórica de João Nupomuceno Borges, que profetizou a volta de São Cristóvão como capital de Sergipe. João Bebe Água, irmão na Igreja do Rosário Dos Homens Pretos no centro histórico, ainda criança, preto e livre, dentro de um simulacro de mudança da capital para Aracaju o que favoreceria os Barões pela abertura de portos para escravização.

**Maria:** Vai João; Bebe água!

**João:** Vai, Maria Bebe água!

João e Maria. Conto infanto juvenil conhecido no mundo todo em diferentes versões que consiste na ideia de abandono dos filhos pelos pais, estado, prefeitura, situação, oposição, câmara, senado ou no judiciário. Moderados pela força da bruxa e seu mercado ideológico e imobiliário de doces como afeição.

Já a personagem Maria, rememora o nome da mãe de Deus, que dá nome ao rio, Santa Maria. Inocência e obediência também cairiam bem. Se fosse uma palhaça, por que não influencia?

**Maria:** Nada a ver João, eles vão é chegar por último. Ideia essa sua de pegar um atalho! Bom mesmo era enfrentar o processo, descobrir o que o pai tava falando. Agora a cidade tá lá mudando e a gente tá aqui preso no meio do nada porque queria chegar primeiro.

Dulce, faz lembrar a figura de irmã Dulce dos pobres, primeira santa brasileira que iniciou suas obras no convento Carmo em São Cristóvão, Sergipe, no ano de 1930.

Inácio, rememora o governador Inácio Barbosa e a articulação para mudar a capital para o povoado de Santo Antônio Du Aracaju.

Paulinho, traz consigo elementos de mudança da capital, propostos pelo seu xará Paulo Barreto de Menezes, Governador do estado que cumpriu, em 1972, a profecia de João Bebe Água, feita em 1º de setembro de 1972, tornando São Cristóvão novamente capital de Sergipe, mesmo que por um dia.

Japarutuba, é irmã de Dulce. Seu nome faz menção ao cacique Japarutuba, preso e morto pelo império português. Contra os métodos de apagamento cultural proposto pela catequização portuguesa aos indígenas, somados a perseguição e morte por crime de guerra, contrários à forma como a cidade foi instalada.

Belchior, representa a figura histórica de Belchior Dias que guiou expedições em busca de pedras preciosas desde a barra do Rio Real até Itabaiana.

A bruxa do 51 representa, de forma atemporal e esquizoanalítica, o que lembra a fome como fartura sobre a mesa e os interesses do mercado imobiliário e financeiro atuais e dos natais passados.

Griselda, personagem que importa a inocência da imitação para diante da importância de dar bons exemplos democráticos diante da infância na jovem república de Sergipe Del Rey de todos los reys.

O nome Capítulo foi escolhido em detrimento de simulacro ou cena para aludir à forma original do simulacro escolhido. Como originalmente se apresenta em forma de literatura, a referência se faz oportuna para dialogar com tal lugar de simular: um espetáculo literário.

O público ao qual se destina a mudança está na ocupação Manoel Edivaldo, onde crianças levam muito a sério a construção de suas próprias casas. Desenvolvendo sua identidade na projeção de seus lugares de onde vêm, brincando de serem felizes mesmo em meio à adversidade. A ludicidade colore a camada de realidade na qual está envolta a criança.

João e Maria vendem, no fim das contas, uma ideia para eles mesmos, a de mudança da capital. O público comprará ou não a mensagem e destino político da sedução; tornar-se-ão indissociáveis sujeito e coletividade? Onde começa Maria, onde termina João?

**João e Maria:** Somos os atores de vocês por esta noite belíssima!  
(Exageram) Magnifiquíssima, Lindíssima, Sergipaníssima! Sejam  
muito bem-vindos (Pausa exclamativa) ao nosso espetáculo (Juntos)  
João e Maria bebem água em: A mudança da capital sergipana!

Todo o primeiro movimento de recepção e acolhimento do público foi inspirado em salas de vendas da chamada alta performance no mercado especulativo imobiliário, dentro de uma simulação de segunda categoria, na qual o comprador da imagem já foi

capturado e seduzido pela forma de um sonho na primeira camada que já não se distingue. a da realidade. Neste caso, aqui afirmada propositalmente para causar estranhamento.

Além de ir ao teatro, o sujeito recebe algo em troca além da experiência plena da expressão da linguagem teatral!? Que soe bem para apresentação do produto. Este primeiro momento, quando João e Maria recepcionam e conversam diretamente com o público, corresponde à simulação de uma conversa entre vendedor e comprador, padrão de sala de vendas de produtos diversos em regime de cota imobiliária, por exemplo. 100% verdadeira e 100% falsa.

Em geral, o mercado das cotas imobiliárias utiliza esse texto aqui fragmentado há cerca de 30 anos no Brasil. – “Bom dia João, bom dia Maria, sou o consultor de férias de vocês e vou apresentar o nosso grande lançamento. (Cita o nome do lançamento) Primeiramente eu gostaria de saber o que a pessoa que convidou vocês para virem aqui hoje disse.” E nasce, ao mesmo tempo, a apresentação de um sonho para muitos e a compra de um pesadelo para uma grande maioria. Conta o tom da brincadeira das salas de vendas. O simulacro também é escolhido com base nesse tipo de formação mercadológica, prevendo intersecção e possíveis formas de recepção de público, ao fim que eles comprem não somente a história, mas os atores e suas viradas propositais de sentido para garantir a brincadeira que continua.

Em 1575, sob o reinado de Felipe II de Espanha, durante a união ibérica, a serviço do império português, estava o Governador do Nordeste, Luiz de Brito, responsável pela invasão das terras do norte e nordeste das 26 tribos comandadas pelos caciques Serigy, Japarutuba, Aperipê, Surubis, entre outros, considerados inimigos da coroa, e, portanto, alvos de extermínio por apresentarem resistência à catequização ao modelo português. Tendo matado o jesuíta e o Barão de Barros, pai do Capitão Cristóvão de Barros, que viria ser comandante da matança dos povos nas terras banhadas pelo rio Poxim (Jatobá, 2009).

1590. Com a insurreição dos povos originários no território Serigy e os crescentes ataques indígenas às estradas reais, que dificultavam o comércio entre as capitanias da Bahia e Pernambuco, em 1590, o Capitão Cristóvão de Barros fora autorizado a invadir, com aproximadamente 5 mil homens portugueses e o apoio do escravagista maior vileza da história, Garcia Dávila, e exterminar os considerados insurgentes, a partir da barra do Rio Real, reestabelecendo o controle sobre comércio de cana-de-açúcar e gado, entre as capitanias hereditárias. Sendo o povo Tupinambá, do

tronco tupi, o mais atingido pelo governo das coroas luso-espanhola, desde o litoral de Sergipe, terras que passaram a ser chamadas de Serigype del Rey, cuja capital fora nomeada São Cristóvão, padroeiro de seu fundador. Os primeiros acampamentos, fundamentalmente militares, foram montados no entorno do extinto Morro do Avião, próximo a barra do Rio Sergipe, edificada como cidade fortaleza em dois planos: cidade alta e baixa, com sua sede onde hoje se encontra o Aeroporto Internacional de Aracaju, por meio de decreto do rei, em 1594. O cidadão português Belchior Dias lidera algumas expedições em busca de ouro e pedras preciosas. Expedições que somadas aos crescentes ataques de piratas franceses em descumprimento do Tratado de Tordesilhas, vindos da costa, serviram de vetor de transição da sua sede por longos 17 anos através do Rio Poxim, onde se estabilizou por volta de 1602, crescendo no sentido do Rio Vaza Barris, através do afluente Santa Maria, para sua sede definitiva no Monte Iúna, em 1607, onde foram construídas as suas primeiras edificações. Distante dos ataques costeiros e das doenças do Porto (Jatobá. 2009).

No movimento seguinte, é revelada a fuga das crianças para ver do que se tratava essa mudança da capital, arremetendo ao movimento de destruição do patrimônio cultural e agroecológico para dificultar a invasão holandesa que se deu em maio de 1624, tomando-a, em 1637, de São Cristóvão.

**João:** Naquela época Maria devia ter pouco mais de 7 anos de idade.

**Maria:** E você, no máximo 12.

**João:** 15!

**Maria:** Deixa de ser loroteiro, João. Parecia um pivete.

**João:** E você parecia uma Maria do Bairro. Magra, suja e com essa caixa na mão. (Maria recua; João vai andando e a Maria fica parada.)

**Maria:** Também você inventou de sair antes do sol nascer, João. E você sabe como é bateria de iPhone. Jajá, o pai e mãe acordam e vão começar a ligar pra gente. E a gente ó, nem migalha. (Continuam brincando, agora com outros elementos do cenário)

**João:** Pára com isso Maria, me dá os vaquinha aí. Vou botar elas aqui perto da mina de ouro. Uma das vacas vai descobrir o tesouro no final do arco-íris...

**Maria:** ... E o papa capim vai contar a todo mundo.

**João:** Ah não Maria! Aí vai todo mundo inventar de se mudar pra cá também.

Nesse movimento, vê-se várias referências a outras dramaturgias como “Antes da Chuva”, de Rodrigo Portela (sobre o papel do analfabetismo na violência contra a mulher, e “João e Maria”, premiada pelo Sesc Jovens Dramaturgos, de 2015. Quando brincam com a idade. repetindo a dinâmica, como em “Antes da Chuva”, os personagens contam quando se conheceram:

Aramís: Eu que Naquela época deveria ter um pouco mais de onze anos e você no máximo treze

Ana: Quinze!

Aramis: (Desdenha com a voz esganiçada) - Quinze! Com cara de 13!  
(Portella, 2015).

Voltando a João e Maria, após a restauração da cidade, aludida em queda, por essa confusão e disputa pelo território desde sua fundação e invasão holandesa, em 1642, quando foi criado o conselho ultramarino, vemos certa disputa de narrativa acirrada, deste ponto de vista observacional, da parte dos próprios personagens.

O texto alude à temática da mudança da capital a fim de introduzir os movimentos constituintes que embasam a defesa da cidade pelo seu território, lugares enquanto formadores de sua identidade que, desde a primeira Constituinte, em 1824, dois anos depois da proclamação de independência do Brasil, na qual se apoiava as divisões de terra no nosso país, determinando tais terras para São Cristóvão, sucessivamente desrespeitada antes e depois da mudança da capital, no ano de 1855, pelo Governador Inácio Barbosa.

De forma atemporal, pôde-se inserir nele o processo da ocupação Manoel Edivaldo como um exemplo da mudança representar imagem viva do descaso das instituições com suas arestas a serem aparadas e aqui no mais estrito sensu, na última quina do Santa Maria ou em Amparo do Francisco, maior bairro e menor cidade de Sergipe.

**João:** Você bem que podia ter dito isso antes da gente passar na casa da Bruxa do 51, né Maria!? Agora não dá mais pra voltar.

Pode-se brincar, caro leitor, por exemplo, que na imaginação dos meninos, o tio Belchior, pai de Paulinho, que estava a caminho para a brincadeira, poderia ser uma espécie de baloeiro ou baleeiro com ideias mirabolantes e observações importantes sobre a forma de lidar com os objetivos e os valores éticos de cada povo.

Para administrar o segmento da religião oficial no reinado lusitano foi criado, em 1532, por D. João VI, a Mesa de Consciência e Ordens e logo, em 1536, instruído o Tribunal da Inquisição do Santo Ofício, em Lisboa, para processar e julgar os crimes de heresia que levou muita gente a fogueira. Sendo finalmente abolido, em 1821, pela corte portuguesa. (Dos Santos, 2012, p.126).

O movimento que dá início ao Capítulo 2 da peça, é de associação de mais um personagem na peça. Está ligado ao fato de que

Somente em 1835 foram criadas as primeiras comarcas sergipanas com sedes em São Cristóvão... Chegando a nove no amanhecer da república e a dez quando da instalação do tribunal da relação, em 25 de dezembro de 1892. (Dos Santos, 2012, p.127)

O tribunal de 1892 era composto por 5 desembargadores, tendo João Batista Costa de Carvalho como o primeiro presidente. O coronel Oliveira Caladão, que passou a presidir o estado a partir de 24 de outubro de 1894, aborrecido com o posicionamento de alguns dos membros com relação ao processamento do último pleito eleitoral, conseguiu reformar o texto constitucional estadual, em 4 de abril de 1895, transferindo para o poder executivo as deliberações sobre as prerrogativas inerentes ao poder judiciário. (Dos Santos, 2012, p.127)

**Japaratuba:** Dulce você tá vendo isso né? Melhor a gente ir atrás dos meninos. Acho que essa tal Aracaju não vai ser assim tão segura. Menina, bem que Dona Estanciana disse que viu uma arara chupando manga no pé de caju.

**Dulce:** Vermelha ou Canindé?

**Japaratuba:** Canindé

**Dulce:** Verde com sal ou manga rosa?

**Japaratuba:** Verde com sal.

**Dulce:** Certeza que é um presságio!

Faz também referências à Barão de Maruim que tenta articular a mudança da capital para Estância. Inácio Barbosa, a serviço do interesse dos donos dos grandes engenhos, fazia valer a ideia de que os portos de Aracaju deveriam alavancar a economia baseada na política escravagista.

Somente passados mais de 30 anos da mudança, João Bebe Água volta para Aracaju, homem negro, comerciante, a época da mudança da capital, membro da irmandade na Igreja do Rosário dos Pretos e do partido liberal, representava o interesse do povo de São Cristóvão, que escreveu diversas quadras religiosas em favor de São Cristóvão voltar a ser a capital ao santo protetor que nomeia a antiga capital.

**Belchior:** Vai ter a corrida da mudança da cidade. Toma aqui o número de vocês e vamo nessa. (Entrega à Maria que distribui os números para os meninos, começa a corrida com um apito e João, Maria e Paulinho passam a linha pulam sobre o rio e chegam até a terra dura de Aracaju).

Deve-se, segundo a Bíblia, ensinar as crianças no caminho do Senhor. E quando chamados. Antes de Marx, houve um caráter moral Hegeliano. A captura do conceito de luta de classes, do ponto de vista da universalidade do conhecimento, finda na sedução do movimento estudantil, que corrobora para um estado de democracia próximo à teocracia invertida, negação de Deus enquanto práxis ou apostasia. Ressentida e renegada; a ditadura do suposto proletariado, como Hamlet, monarca, não sendo, mesmo sendo: pleno e reverberante à fuga do debate, neste caso político, quando há desonestidade intelectual do ponto de vista ou ausência de disciplina, por má gestão, de matérias ou de interpretação de materialismo histórico e dialética, como o bastante para diante de arguições de cumprimentos de falta como padrão moral (ou melhor) amoral, performar seu melhor simulacro puro. Para contraditar ética e estética de valores, que básicos, todos nós nos fizemos aprovados em: filosofia, sociologia e antropologia 1, devemos estar atentos ao fato se estarmos sempre mais ou menos equivocados enquanto cientes de humanos. O debate engloba preceitos fundamentais como valores mas, diante da ética, é preciso elaborar mais e melhor sobre estes lugares de seu fascínio pela revolução, seduzida pelo seu ideal de revolução, cuja na perda de si, de Antonin Artaud, por exemplo, que não pôde salvar a si mesmo, como próximo de algo não plausível.

O homem suicidado não acaba com qualquer juízo se não o dele mesmo, ao ponto de ser o enforcado, do mesmo sentido de cair, o Destino indelével da política é a sedução. Pecado.

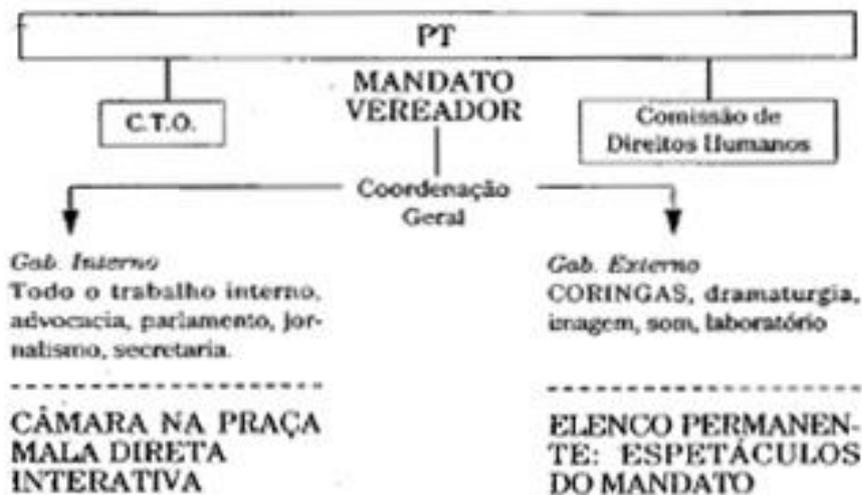
Harmatia Negativa Vs Ethos Negativo. Os protagonistas estão fadados a protagonizar e, por tanto, não faremos nunca mais teatro.

Os vereadores eram convidados a participar da encenação porque a ideia era a de reproduzir, na rua, o que acontecia ou deveria acontecer no plenário, a partir dos problemas expostos ali pela população, ou melhor, pelos atores (Levenstein, 2012, s. p.)

Assim funcionou o próprio gabinete de Boal na Câmara de vereadores do Rio de Janeiro, como técnica para colheita das palavras que deveriam traduzir artigos e arguições de cumprimento, em concretude da representatividade social na construção de projetos de leis/simulacros em nosso país.

## 4. A ESTRUTURA DO TEATRO LEGISLATIVO:

Nosso "Gabinete" está assim estruturado:



### NÚCLEOS E ELOS

CONSTITUIÇÃO: a) Comunitários; b) Temáticos; c) Ambos

ATIVIDADES: a) Oficinas; b) Espetáculos para a própria comunidade;  
c) Diálogos Inter-comunitários; d) Festivais; e) Festas-Festivais.

### Súmulas

### CÉLULA METABOLIZADORA

1. PROJETOS DE LEI; 2. AÇÕES LEGAIS;  
3. INTERVENÇÕES DIRETAS

Fonte: Boal (1996, p.65)

Contato, performance, adequação do discurso, adaptação de contexto, tudo isso corrobora para uma postura determinada, de defesa dos autores segundo diálogos em grandes mesas redondas de departamentos diversos quase todos quase santos e todos concordantes. Mas, do ponto de vista do debate, é preciso observar o discurso e a defesa do discurso, pela busca de antagonismo. Para garantir a lisura, é preciso provar a fé do sujeito.

Dialogo é o que nós fazemos de dois autores que concordam com a mesma coisa. No entanto, em uma sociedade cujo ponto de vista acadêmico e intelectual, ou

anti-intelectual aplaude a cooptação de suas decisões da ponta (estudantil) em ações de afirmação personalíssimas de indivíduos cuja tarefa ou papel social primário é constituir o estatuto de simulacro como 100% falso do diretório estudantil da UFS (apenas hipoteticamente) para dilatação e aprimoração do sistema, em jograis, de paráfrase coercitiva, em Aristóteles, segundo Boal, dissonante e alusiva ao desencontro das ideias, ao qual estamos entregues, no âmbito da barbárie pós civilização e da civilização como barbárie.

Como quando abordando o simulacro!? Este, da crise de protagonismo ao ponto da negação do eu científico, psicossomático, seduzido pela fragmentação do corpo cotidiano, em cotas imobiliárias, em frações de família, em seios e bariátricas, segundo a perspectiva da instituição quando ela mesmo expectadora? Seria preciso assistir os estudantes na correlação da dúvida entre ser ou não ser comunista ou glorificar o marxismo cultural que dialoga com a cosmovisão do mundo.

Aludir a possibilidade de não ser antes de saber quem se é, se discutir, mas sem debate... anti-édipo ou anti-teatro, não se estruturam sem que antes haja metástase, permitida no céu e confirmada na terra pelas vias de contratos, apertos de mão, parábolas ou profecias de impeachment, como compromissos com a agenda partidária e o tripé de suas extensões, ou do ponto de vista político desta pesquisa: de suas instâncias deliberativas.

**Dulce (a mãe entra no palco):** Dizem que não há coisa mais estressante que mudança, Inácio.

**Inácio (o pai entra no palco):** Mas Dulce, vai ser bom pros meninos. E a gente tem que votar

**Dulce:** Escolher. Decidir. Mas quem determina quem tem mais direito Inácio? E se o povo de lá decidir que agora é capital e pronto e cabô? Aí a gente fica com duas? Amanhã tem a primeira corrida simbólica eu queria levar os meninos

Segundo José Firmo,

Em 2022, o Supremo Tribunal Federal já havia decidido, em sede de Repercussão Geral, por unanimidade, que o desmembramento municipal foi realizado sem consulta plebiscitária e que havia vício de ilegitimidade ativa por parte do Município de Aracaju para tributar na área ao qual fora acrescida; (Firmo, 2024, s.p.).

A Assembleia Legislativa de Sergipe, além da mudança quando da Constituinte Estadual e da Emenda Constitucional n°. 16/1999, já citados nesta nota, tentou, em 2012 (Decreto Legislativo n°. 03/2012) fazer o plebiscito, o

qual sugerido ao TRE/SE, foi aprovado por unanimidade pelo pleno daquele tribunal. Porém, quando apresentado ao TSE para inclusão do calendário eleitoral vindouro, foi devolvido, por ausência de regulamentação do § 4º, do Art. 18 da Constituição Federal; (Firmo, 2024, s.p.).

Vivemos, então, em uma série cujo sonho de todos é protagonizar. Em uma anarquia relacional e suposições de liberdade. Dialogam, mas não se conversam. O que poderia ser pior que fugir ao debate.

Aprimoramos de dentro da bolha, ou cerco de fumaça, a capacidade de ignorar a verdade que se revela em cada discurso de filmes, livros e vivências populares, diálogo, discurso ou diagrama com negação. Onde a força da mulher rendeira, da chefe de família, Marias e Clarisses e Eunices, quando afirmam que se desenvolvem sua arte ou luta, isto o fazem em nome do Senhor, contra o fim de toda civilidade que tenha um dia conhecido da barbárie por amor do nome de Jesus. Não qualquer nome.

Afirmção de Cristo contra a barbárie. Estão todos em perigo, não temam.

Cala-te diante do Senhor DEUS, porque o dia do SENHOR está perto; porque o SENHOR preparou o sacrifício, e santificou os seus convidados...[...] Aquele dia será um dia de indignação, dia de tribulação e de angústia, dia de alvoroço e de assolação, dia de trevas e de escuridão, dia de nuvens e de densas trevas, Dia de trombeta e de alarido contra as cidades fortificadas e contra as torres altas. E angustiarei os homens, que andarão como cegos, porque pecaram contra o Senhor; e o seu sangue se derramará como pó, e a sua carne será como esterco. (Sofonias, 1:14, 15, 16, 17).

## **Conclusão, Justificativa, Diálogo ou Ensaio.**

“Na realidade do evangelho, a realidade das coisas toma outras formas” - Marco Telles, cantor nordestino, em sua elucidação a respeito do evangelho. Assim mesmo o projeto não visa senão um vislumbre de Cristo. Estimular a partir do olhar, arguições e cumprimento das leis, como a do Minha Casa Minha Vida, segundo a legitimidade teórica da ocupação Manoel Edivaldo e, o desenvolvimento social de áreas e zonas de interesse social na fronteira Aracaju e São Cristóvão, no limite do bairro Santa Maria, zona rural de São Cristóvão. Assim, pretendemos utilizar o texto “João e Maria Bebem Água, na mudança da capital sergipana”, que se encontra no apêndice deste memorial, para compor processo didático teatral de montagem teatro legislativa quanto a produção do projeto de lei a ser votado via fomento e plebiscito.

Intentamos promover aulas teóricas e práticas com dinâmicas teatrais que estimulem as crianças a trazerem suas percepções quanto a mudança da capital no âmbito cultural, além de fazer aplicações laboratoriais de dinâmicas agroecológicas ligadas à importância da agricultura familiar \_ a exemplo de Boal, vereadores e deputados trazidos para aludir a vontade do povo, segundo interpretação representativa em um debate em representação ou simulacro teatral.

Adequaremos propostas de encaminhamento do público geral ao texto a ser defendido no projeto de lei, além, é claro, de aludir o mundo imaginário das crianças e a sua percepção do futuro no âmbito restrito da produção e laboratório da realidade. Abordando questões de transição como, por exemplo, como se dará a cerimônia ou Parousia; transformação social, combate à violência contra a família e sob quais condições sarará o FASC e a sua ferida de conciliar história e cultura hegemonicamente com os algozes que contam finalmente as histórias, em forma de discussão em “caminhando” de memorial bibliográfico, inicialmente este, que apresente quem são as pessoas artisticamente representadas por essa proposta, qual o caminho a percorrer para garantir dignidade e as lutas que mostram a integridade de São Cristóvão diante das constituições, da genealogia da mudança da capital e da escrita texto cênica propiciada para representação política e social da interseção de São Cristóvão com o bairro Santa Maria, nos limites da ocupação Manoel Edivaldo.

Seguiremos com os exemplos de Augusto Boal, com seu Teatro Legislativo, no qual projetos, que embora não tenham sido aprovados na câmara municipal, surgiram da transcrição dos diálogos estabelecidos por meio de fórum popular ou por grupos de trabalho. Trazendo propostas para grupo de trabalho que condense os encaminhamentos, seja no âmbito patrimonial ou econômico para transcrição de registro dos trabalhos mediante a gravação de áudio das assembleias populares que se sucedam a cada apresentação, das quais se apresenta o simulacro de João e Maria Bebem Água. Buscando a real vontade do povo, neste caso, desperta através do conhecimento de sua história, para encontrar os meios que reafirmem todos os anos a volta de São Cristóvão ao status de capital de Sergipe, a partir de 2025, do início ao fim do Festival de Artes de São Cristóvão, até o dia da volta do Senhor. Voltará (o Rei).

## Referências:

ARACAJU. Agência Aracaju de Notícias. "Conheça a história da praça Fausto Cardoso" 20/03/2009. Aracaju. Sergipe. Disponível em: [https://www.aracaju.se.gov.br/noticias/37393/conheca\\_a\\_historia\\_da\\_praca\\_fausto\\_cardoso.html](https://www.aracaju.se.gov.br/noticias/37393/conheca_a_historia_da_praca_fausto_cardoso.html) Acesso em: 28 de março de 2025.

ARACAJU. Observatório Social de Aracaju. Mapografia social de Aracaju. 2019. Disponível em: <https://www.aracaju.se.gov.br/userfiles/observatorio/arquivos/OSERVATORIO-Mapografia-Social-de-Aracaju-para-o-Observatorio-Social-final.pdf>. Acesso em 28 de março de 2025.

BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. 2ª ed. Tradução Tânia Pellegrini. Papirus. Campinas, SP. 1992.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1981.

BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada 2ª edição. Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo 1993.

BOAL, Augusto. **Teatro Legislativo**, Versão Beta. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro 1996.

BOAL. Augusto. **O teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 6ªed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1991.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DOS SANTOS, J. Gilson. **Algumas visões Sergipanas**. Aracaju: J. Andade. 2012.

FIRMO. José. Fórum em defesa da grande Aracaju faz um balanço sobre o limite entre Aracaju e São Cristóvão. Faxaju, 17 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://www.faxaju.com.br/noticias/forum-em-defesa-da-grande-aracaju-faz-balanco-sobre-o-limite-entre-aracaju-e-sao-cristovao/> Acesso em: 28 de março de 2025.

FRAGATA. Thiago. Museu Histórico de Sergipe "Revisão na biografia de João Bebe-Água" São Cristóvão. 2013. Disponível em: <https://museuhsergipe.blogspot.com/2013/03/revisao-na-biografia-de-joao-bebe-agua.html> Acesso em: 28 de março de 2025

INFONET. Assessoria de Imprensa. Exposição inédita "O Sonho de João Bebe Água" prossegue até dia 22. 4 de Dezembro. Sergipe. 2023. Disponível em: <https://infonet.com.br/uncategorized/exposicao-inedita-o-sonho-de-joao-bebe-agua-prossegue-ate-dia-22/>). Acesso em: 28 de março de 2025.

JATOBÁ. João. Programa Matéria prima, Evidência comunicação. Exibido em 2009 pela Aperiapê TV. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=nkZIQaS8GAw&ab\\_channel=profmarcosanjos](https://www.youtube.com/watch?v=nkZIQaS8GAw&ab_channel=profmarcosanjos).  
Acesso em 29 de março de 2025.)

LEVENSTEIN, Majo. Ponto – Teatro legislativo. Notícia SP Escola de Teatro. São Paulo. 2012. Disponível em: <https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/ponto-teatro-legislativo> Acessado em: 30 de março de 2025.

PORTELLA, Rodrigo. Antes da Chuva. Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <https://youtu.be/5q7UoysFB6I> Acessado em: 29 de março de 2025.

SANTOS, F. P. História de Sergipe contada em versos. Sergipe Cultura. Aracaju. 2012.

SANTOS, Mislene Vieira dos. Da ditadura à democracia: o Festival de Arte de São Cristóvão (FASC) e a política cultural sergipana (1972-1995). 2014. 183 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2015.

# APÊNDICES

## João e Maria Bebem Água, na mudança da capital sergipana.

(texto dramático escrito por Paulo Bonfim)

### Capítulo 1. Bom dia, Sergipe!

(João e Maria brincam de achar, em meio à imaginação, um lugar para construir com pedaços de tudo, sonhos e projeções eletrônicas; uma casinha para a mãe e o pai. Enquanto brincam, a luz se acende lentamente. Cumprimentam de longe alguns espectadores com os quais estejam familiarizados. Para o público geral dizem.)

**Maria:** Eu me chamo: Maria.

**João:** Eu me chamo: João

**João e Maria:** Somos os atores de vocês por esta noite belíssima! (Exageram) Magnifiquíssima, Lindíssima, Sergipaníssima. Sejam muito bem-vindos (Pausa exclamativa) ao nosso espetáculo (Juntos) João e Maria bebem água em: A mudança da capital sergipana!

**Maria:** Vamos lá?

(Se aproximam do público e cumprimentam nominalmente ao menos dois espectadores seguidos de apertos de mãos. Exemplo: Olívia e Marcelo.)

**João** (Estendendo a mão para cumprimentá-los energicamente): Seja muito bem-vindo; Marcelo. Seja muito bem-vinda Olívia.

**Maria** (segue cumprimentando-os; ao estender a mão repetem apenas os nomes) Olívia, Marcelo.

**João** Primeiramente, eu gostaria de agradecer a presença de vocês e saber o que a pessoa que convidou vocês para virem aqui hoje disse.

(Resposta de um.)

(Resposta de outro.)

**João:** É exatamente isso. Nós vamos falar de diversão, aventura em família, entretenimento, Mudança para lugares paradisíacos de praias desertas, e... memória boa garantida pro resto da vida. E no final, em agradecimento ao tempo de vocês, eu passo uma cortesia; O.k.?

(Resposta de um.)

(Resposta de outro.)

Correm para o centro do palco. Maria toma água de uma moringa. Se aproximando do público pelo lado direito:

**Maria:** ... Era uma vez.

**João:** Mas bem pra lá da estrada de chão, Maria.

**Maria:** Lá depois da lixeira velha,

**João:** Passando a antiga fábrica de cimentos,

**Maria:** Atrás da jazida de ouro.

**João:** Do caípe véio e do caípe novo,

**Maria:** Mas antes do Subaco da Gata (Pega uma gata de pelúcia). Um peda - (João interrompe Maria de forma superlativa) - çãozão de chão; Maria. (Maria continua) - Onde nem os piratas nem os mocinhos, nem a bruxas tinham pisado ainda. Pois ainda ninguém havia descoberto o manto das águas da santa, lá por onde o rio passava. O rio Santa Maria.

**João:** Um pedaçoãozão de chão, de mangue e mata atlântica ao lado de uma pequena corredeira onde vivia um casal que se amava muito, junto a seus filhos também muito amados

**Maria:** Tem certeza, João? Que já vai começar assim? Já falando da mãe do pai?

**João:** E o que é que tem?

**Maria:** Eu já quero voltar, João! Quero nem imaginar o tanto que a mãe deve tá de preocupada já.

**João:** Eita pega?! Como é medrosa! Nem devem ter sentido falta de nós ainda.

**Maria:** E num estuda não? (João olha descrente) Só se for nós mesmo.

**João:** E é como É?

**Maria:** Da gente!

**João:** Nin divina tir sintidi Falti di ginti...

**Maria:** Sai João.

**João:** Naquela época, Maria devia ter pouco mais de 7 anos de idade

**Maria:** E você, no máximo 12.

**João:** 15!

**Maria:** Deixa de ser loroteiro, João. Parecia um pivete.

**João:** E você parecia uma Maria do Bairro. Magra, suja e com essa caixa na mão. (Maria recua; João vai andando e a Maria fica parada.)

**Maria:** Também você inventou de sair antes do sol nascer, João. E você sabe como é bateria de iPhone. Jajá o pai e mãe acordam e vão começar a ligar pra gente. E a gente ó, nem migalha. (Continuam brincando, agora com outros elementos do cenário)

**João:** Pára com isso Maria, me dá os vaquinha aí. Vou botar elas aqui perto da mina de ouro. Uma das vacas vai descobrir o tesouro no final do arco-íris...

**Maria:** ... E o papa capim vai contar a todo mundo.

**João:** Ah não Maria! Aí vai todo mundo inventar de se mudar pra cá também.

**Maria:** João! Falando nisso, me conta essa história de mudança de novo... (Desconfiada)

**João:** Jajá Maria. Espera um minuto. Acho que tô ouvindo... (João se aproxima de uma moita, Maria se encolhe com medo. João pega um graveto e com o graveto, um pedaço de cipó...) Uma cobra, uma cobra (João vai na gargalhada, Maria percebe)

**Maria:** Brincadeira mais besta João. Chega. Vou brincar mais não, vou contar pro pai agora.

**João:** Mas você vai voltar sozinha? (Maria acena que sim) Você nem sabe o caminho. E se já foi todo mundo embora? (Breve silêncio) Eu que não vou voltar agora. Ainda nem passamos pela casa do caboclinho.

**Maria:** Isso aí é lá pelo lado de Laranjeiras. Né por aqui não!

**João:** E ainda tem o lambe sujo...

**Maria:** João!!! Você só tá me botando medo pra eu não voltar pra São Cristóvão...

**João:** Vai Maria, depois tu volta correndo.

**Maria:** O pessoal ainda nem deve ter começado a sair de casa. Qualquer coisa eu corro.

**João:** Se brincar nem acordaram ainda. Tudo escuro... E a gente já tá bem adiantado. Eu vi no mapa. Olha lá. É tão pertinho! A gente pode pegar uma carona.

**Maria:** Carona com quem homem de Deus?

**João:** Com um baleeiro vestido de palhaço.

**Maria:** (Grita de longe) Um baleeiro?

**João:** Assim a gente chega lá antes de darem falta da gente ter saído e liga pra eles.

**Maria:** E se derem falta antes João?

**João:** Aí Oh... a gente pára a brincadeira e volta correndo. (Pausa) E outra. Até darem falta... (Continuam brincando.)

**Ator:** Enquanto caminhavam pela floresta seu lobo nenhum aparecia, João avistou uma figura inconfundível, um presságio, uma arara Canindé comendo um caju num pé de manga. E pensou.

**João:** Acho que você estava certa Maria. A gente devia ter avisado.

**Maria:** O pai nem deve ter dormido, João, eu vi ele preocupado com essa mudança toda. Na certa ele levantou no meio da noite e foi olhar no quarto e perguntou pra mãe e a mãe não sabia responder e deve ter começado um auê paraná e outro paranauê e devem estar todo mundo cansado de procurar a gente (silêncio).

**João:** Estão não procurando a gente.

**Maria:** Como você sabe?

**João:** Eu ouvi o pai dizer que não ia levar a gente Maria.

**Maria:** Repete João, o que o pai disse.

**João: (Imita seu pai)** – Vamo é deixar os menino, Dulce. Eles não vão nem sentir falta. Eles ficam aí brincando, quando verem, a gente já chegou lá e já voltou.

**Maria:** Nada a ver João, eles vão é chegar por último. Ideia essa sua de pegar um atalho! Bom mesmo era enfrentar o processo, descobrir o que o pai tava falando. Agora a cidade tá lá mudando e a gente tá aqui preso no meio do nada por que queria chegar primeiro.

**João:** Você bem que podia ter dito isso antes da gente passar na casa da bruxa do 51 né Maria!? Agora não dá mais pra voltar.

**Maria:** O que você tá querendo dizer hein João?

**João:** Que quando era pra comer doce, você queria chegar na frente e mimimi.

**Maria:** Cuidado João, olha o rio. (Ambos param na beira do palco. Maria volta, pega a moringa no chão e entrega a João) - Vai João, bebe água! (Ele abre a moringa e se acorando bem devagar, bem devagar se inclina 75° para baixo com o auxílio de Maria que faz caretas enquanto um som nostálgico é preenchido por uma reposição sonora da gravação de riso de um auditório fazendo referência às comic-cons. Maria puxa João para trás e ambos caem no chão. Rindo.).

**Maria:** Por que será mesmo que tinha essa casa no meio da mata?

Então, João despeja um monte de doces sobre uma refratária de vidro, com os quais e mais alguns palitos, começam a construir a casa da bruxa do 51. No meio da construção, João começa a comer e contar que...

**João:** quem vive nessa casa aqui, Maria, é a bruxa do 51 e dizem que ela construiu essa casa pra atrair as crianças desavisadas que se perdem dos pais e depois de engordar bem muito elas, ela faz uma sopa e distribui por aí. fingindo ser boazinha.

**Maria:** Aaai eu que não quero entrar aí João!

**João:** Vamos Maria, tem medo não. Vem cá. Eu te dou a mão.

## Capítulo 2 - tropel oei'l

Ao entrarem na casa, João e Maria perceberiam que não era mesmo boa ideia nem ter saído na frente esbaforidos, nem ter entrado numa casa claramente construída com a função de prender eles, nem que fosse pela boca.

**João:** É verdade (João se arruma como se tivesse diante de um júri), a Maria esta certa. Às vezes, a gente (pausa curta) quer saber o que vem depois e vai colocando o ôio na frente da boca... trocando os pés pela barriga.

**Maria:** E se mete em cada uma...

**João:** Logo eles veriam que não estavam sozinhos, no fundo da casa ao lado de uma lareira acesa de modo a dizer que logo, logo alguém que voltaria...

**Maria:** (Maria intervém com sinais): Mas ainda não seria a bruxa. Tá muito cedo pra bruxa aparecer João. A gente nem começou a brincar direito.... Ao lado da lareira estava um menino. Seu nome era Antônio du Aracaju. Pendurado pelos pulsos em uma gaiola que ia até o teto.

**João:** Mas ainda não seria a bruxa... Seria outra criança perdida do mundo da imaginação que caiu no desenho errado e...

**Paulinho:** Oi gente. Posso brincar também?

**Maria:** Claro Paulinho, vem cá, vem logo! Você será um menino perdido!

**Paulinho:** Um menino perdido?

**João:** Sim! Que se perdeu dos seus pais e foi parar no país das maravilhas.

**Paulinho:** Não João! Na terra do nunca.

**João:** Mas aí a história nunca acaba!... Que se perdeu dos pais e foi parar...

**Maria:** Então, é melhor que seja da terra do sempre.

**Paulinho:** Aí vai ficar sempre perdido.

**Maria:** Tá! Um menino perdido de lugar nenhum, que deve ficar depois do amparo do São Francisco.

**Maria** – (imitando a mãe com uma bandeja com chá) Estão brincando, Japarutuba. (Oferece açúcar indicando colocá-lo no chá) Vocês vão querer, crianças? Uma salada de frutas? Um bolo de chocolate?

**Paulinho** - E a tarde cairia, fazendo com que eles percebessem ao bater do relógio que...

**João:** Vamos, vamos, a bruxa já vai chegar. Dizem que ela devora crianças perdidas

**Paulinho:** (De dentro da gaiola novamente) Mas eu não estou perdido. Quem tá perdido? (Tenta se amarrar)

**Maria e João** (Enquanto tentavam tirar Paulinho de dentro da gaiola contra sua vontade, gritam) sai daí Paulinho!

**Atriz:** Ele sabe que eu estava certa e que é melhor a gente ter voltado e chegado por último, ao invés de chegar na frente e atrasar o povo. (Quebra de quarta parede) Eu sabia que eles iam dar falta logo, a gente tá fugindo desses apitos, dessa ventaria louca e achando que é a bruxa. Deve ser o povo atrás de nós. (De repente, ouvem passos pesados vindo em direção a eles. As crianças se entreolham, assustadas.)

**João:** Só se for nós mermo. (Pequena pausa) Vamos embora. Por aqui, por aqui. (Após um instante).

**Maria:** (parando de repente) João... eu tô achando que a gente errou o caminho. Não era por aqui!

**João:** (falando sozinho) Claro que não erramos! Eu estudei o mapa direitinho. (Abre o mapa) Era só seguir o atalho e chegar antes de todo mundo.

**Paulinho:** (sussurrando) Mas está tudo tão diferente. Cadê o rio do palhaço? E aquela tal fábrica de blocos, ela fabricava blocos ou era feita de blocos? Parece que estamos indo cada vez mais pra dentro da mata.

**Maria:** (apavorada) João! A gente devia ter voltado quando eu disse! Agora estamos presos aqui. Vai ver essa é a tal da bruxa do 51!

**João:** (olhando ao redor, tentando manter a calma enquanto grita) Não tem bruxa, Maria. Isso é só lenda! (As árvores ao redor parecem se fechar mais, tornando o ambiente mais opressivo. O som dos passos se aproxima cada vez mais.)

**Paulinho:** (com os olhos arregalados) Se não tem bruxa, então quem tá vindo?

**João:** (gritando) Corram! (Os três saem correndo pela floresta, pulando galhos e se desviando das raízes. A sensação de perseguição é intensa. Quando finalmente param, exaustos, estão em um lugar diferente, uma clareira. No centro, uma grande árvore com marcas antigas e símbolos gravados em sua casca.)

**Paulinho:** (olhando ao redor) Eu acho que voltamos no tempo. Olha essas marcas... parecem coisas antigas, de quando São Cristóvão ainda era a capital!

**João:** (confuso) Como assim? Isso é só uma árvore velha!

**Maria:** (observando os símbolos) Não, João... acho que a gente tropeçou em algo. Talvez na própria história da cidade. (Nesse momento, a árvore começa a brilhar levemente e, ao seu redor, aparecem figuras nebulosas. São pessoas, antigas, que carregam mapas, ferramentas e bússolas. Uma delas olha diretamente para as crianças e eis que surge:)

**O Fantasma de Inácio Barbosa:** Vocês vieram tarde. A cidade já foi decidida. Não há como voltar atrás. (Gargalha)

**Maria:** (assustada) Decidida? A mudança de São Cristóvão para Aracaju? A gente tá no meio da história?

### Capítulo 3. Pequenas mudanças grandes negócios.

**Maria:** Era comum que naquela época uma porção de pessoas muito falassem da mudança mas pouco explicassem o litígio. A doutrina e proceder de um e outro ofício, havia quem fosse mudar de profissão, pois eram tantas as promessas, mas pouco se explicava aos pequeninos o que de fato ia se revelando com a mudança dos destinos. Do outro lado da brincadeira, os pais de fato se aperrinhavam sem saber como seria o futuro de seus filhos. Se essa mudança ia interferir no tempo de plantar os milho. De mudar pasto, de viver como sujeitos dignos.

**Dulce (a mãe entra no palco):** Dizem que não há coisa mais estressante que mudança, Inácio.

**Inácio (o pai entra no palco):** Mas Dulce, vai ser bom pros meninos. E a gente tem que votar.

**Dulce:** Escolher. Decidir. Mas quem determina quem tem mais direito Inácio? E se o povo de lá decidir que agora é capital e pronto e cabô? Aí a gente fica com duas? Amanhã, tem a primeira corrida simbólica, eu queria levar os meninos

**Inácio :** Amanhã eu vou ver os terrenos, Dulce. Aquela Senhora disse que tem uma oportunidade única pra gente. (O dia amanhece) Vamos Dulce. Ela já deve estar nos esperando já. Vamos lá. (Ao chegar na casa seriam recebidos por uma senhora gorda de nariz em pé e perna de pau. Dizia ela:)

**Bruxa:** Vocês sabem como mudança é estressante, agonizante, horripilante igual a minha irmã Grizelda. - Que entre Grizelda. - (Grizelda entra representada por uma menina de 9 anos de idade) A oportunidade que tenho pra vocês é de morar bem longe dessa gente feia todinha! Comer Doritos todo dia, batata fini, cookies. Repitam comigo cookies e hot pocket da Sadia... Esperem um minuto. Onde estão... Onde estão os meninos? As Crionças!?! (A bruxa segue olhando pela casa. Entram Japaratuba e Firmino. Estão brincando lá fora.)

**Bruxa:** Posso vê-los?

**Japaratuba:** A essa altura eles devem tá no meio do mato.

**Bruxa (Com voz de deboche arrastada):** Vocês aceitam um café?

**Dulce -** A senhora mesmo que plantou, colheu, passou?

**Bruxa:** Não! (Recusam com a cabeça) Um chá? Erva doce, cidreira?

**Japaratuba:** É do quintal?

**Bruxa:** Não!

**Bruxa** (Se desesperando, quase) Uma cachaça!?

**Belchior -** Pisa macio?

**Bruxa:** Não tem pisa 1. Pisa o que?

**Belchior -** Nunca tomou pisa macio...

**Dulce:** (pega a bolsa pra se levantar, Inácio interrompe o movimento e disfarça.) Venha cá! O que a senhora disse mesmo que tinha aí na sua mala?

**Bruxa:** A possibilidade de unir seus sonhos com a sua vontade de sonhar! Propriedade, badalação e barulho noite e dia, pro resto da vida de vocês. E pros seus filhos, mesmo depois que vocês não estiveram mais entre nós. (Os convidados fazem cara estranha) Apresento a vocês o Candy Crush Tik Tok Ville, um lugar mágico onde todas as crianças se divertem à moda antiga! Com jogos, diversões e diversões eletrônicas, e mais telas o dia inteiro, hahaha... Ei ria também, Grizelda!

**Grizelda:** Hahahaha!

**Japaratuba:** Dulce, você tá vendo isso né? Melhor a gente ir atrás dos meninos. Acho que essa tal Aracaju não vai ser assim tão segura. Menina, bem que Dona Estanciana disse que viu uma arara chupando manga no pé de caju.

**Dulce:** Vermelha ou Canindé?

**Japaratuba:** Canindé

**Dulce:** Verde com sal? Ou manga rosa?

**Japaratuba:** Verde com sal.

**Dulce:** Certeza que é um presságio

Enquanto isso,

**João:** Mas é que é tão pertinho e vai ser bom chegar antes de todo mundo que aí a gente escolhe o melhor quintal e marca logo onde vai ser nossa casa. E que ideia essa sua, até parece que ia todo mundo descer correndo pelo atalho só por sua causa né Maria.

**Maria:** Meu filho, eu sou importante. Fui eleita a mis bairro 2020, 21 e 23. Em 2024, eu só não ganhei porque eu estava doente viu.

**João:** Sei Maria.

**Maria:** E eu tava tão bonita de catapora que eu ganhava até assim, mas ninguém me deixou ir lá junto das outras guria. Vamos, sobe aqui, ela não vai procurar aqui.

Enquanto isso...

**Bruxa:** Olha, tem esse quarto totalmente luxuoso, pra vocês dormirem o dia todo e fazerem mais nada, enquanto as crianças, elas podem passar o dia no salão de jogos eletrônicos (Passa um book) Uma sorveteria gratuita com todo tipo de doces. Nenhuma sala de aula. Longe de qualquer agulha e médico mequetrefe.

**Inácio** (começa a se contradizer) Eu não sei, a nossa ideia era que eles se conectassem mais com a natureza não é mesmo Dulce? E tem as mudanças climáticas (Dulce se apressa a arrumar a bolsa).

**Bruxa:** Vocês não querem nem saber o valor?

**Dulce:** É que tá ficando tarde os meninos estão na mata a muito tempo. Isso vai dar um b.o. danado, pode render até processo. Vai lá, Inácio, na frente, vê se acha eles. A mudança já começa... Olha dona bruxa, digo, Dona Suzana Vieira, digo... Isabel, a senhora foi muito cordial e agradecemos muito pela proposta, mas não temos interesse não. Vamo ficar aqui mesmo e esperar o povo chegar. Mas... mas...

## Capítulo 4 - O encontro

**Paulinho:** Eta pega!

**João:** Acho que agora a gente se perdeu de verdade. Será que a gente foi muito longe Maria?

**Maria:** Mas foi você que trouxe o mapa. Onde acaba e onde que termina essa tal du Aracaju e começa São Cristóvão?

**João:** Bateria de iPhone sabe como é...

**Paulinho:** E agora! Aí meu Deus! Eu tenho asma (Todos gritam) Respira Paulinho, Respira Paulinho. Res-pi-raaaaa! (Paulinho respira) Olha... tem alguém gritando!

**Maria:** É o pai e a mãe! É o pai e a mãe. João, eles estão atrás da gente. Espera. Eles estão correndo de alguma coisa! Corre, Corre, Corre, A bruxa! (Ao chegarem perto não seria nada disso.) É brincadeira gente.

**Inácio:** Vamos. Vamo perder a mudança desse jeito.

**Paulinho:** Pai, como assim.

**Belchior:** Vai ter a corrida da mudança da cidade. Toma aqui o número de vocês E vamo nessa. (Entrega à Maria que distribui os números para os meninos, começa a corrida com um apito e João, Maria e Paulinho Miguel pulam sobre o rio e chegam até a terra dura de Aracaju.

Fim.

## ENSAIO.

Este memorial pode ser também descrito e aplicado como proposta de dissolução da hiper-realidade na qual já não é o território que precede o mapa, mas o mapa que precede o território. É ele – mapa ou simulacro – que segundo Jean Baudrillard

Engendra os fragmentos que nele apodrecem lentamente sobre sua extensão de mapa, é o real e não o mapa, cujos vestígios substituem aqui e ali nos desertos que não são o do império, mas os nossos. o deserto do próprio real (Baudrillard,1981, p.8).

Mapa ou simulacro de uma simulação de uma simulação de uma simulação, dos modos de confecção de leis no Brasil, por meio um texto dramático escrito através de mim: “João e Maria Bebem Água, na mudança da capital Sergipana”.

Nossa intenção, com a apresentação literária é fazer dialogar a defesa de um discurso, que promova o debate como parte do diagrama da constituição dramatúrgica, por meio de texto cênico simulacro de João e Maria, abordando aspectos da identidade periurbana de São Cristóvão anacrônica e, paralelamente, ao desenvolvimento de novas tecnologias para o Teatro Legislativo de Boal, tendo como base a ocupação por moradia popular em áreas de interesse social Manoel Edivaldo e as relações com as mudança da capital sergipana de maneira lúdica e convidativa a atores e não atores que ainda queiram mudar o mundo, por meio de memorial genealógico de simulação de uma apresentação de TCC como indicador de política públicas sociais para pessoas em risco social e sofrimento mental, visando possíveis melhorias estaduais de afirmação da volta de São Cristóvão como capital.

Aqui lhes será apresentado um pensamento sobre o Anti-Teatro de Simulação, ou a hiper-realidade, conceitos filosóficos que fundamentam toda a minha criação do texto dramático “João e Maria Bebem Água, na mudança da capital Sergipana.”, “objeto sensível” principal desse Trabalho de Conclusão de Curso.

A hiper-realidade é a camada que, através da reprodução da imagem, constrói acepção social, da simulação encantada, *Trompe-l'œil*, mais falso que o falso, segundo Jean Baudrillard, que direciona de forma ampliada o produto ao cliente através de uma nova forma de apresentação do mesmo, repleto de interpretação de papéis sociais em caráter afirmativo de si; signos e dobragem de signos.

Simulacros identitaristas capturam toda a simulação em dobragens de significados no limite de sua reversão, tornando impossível qualquer criação de real.

Neste caso, por contravenção ao que propõe Baudrillard e Deleuze tentando por meio deste discurso propiciar a única afirmativa possível de realidade a partir da contradição da razão e morte, sem deixar de simular a adequação da fé à estética do consumo, mas enfatizando sim, o reconhecimento de Deus manifesto através das obras de homens e mulheres que o serviram por meio da expressão cultural de sua arte-fé em Jesus Cristo, como João Bebe Água, pois que Jesus, rasgado o véu, fez-se capaz de capturar o que propõe Baudrillard, da simulação da carne, através de uma camada de afirmação de morte e, acima de tudo, de ressurreição antecipada, como método de dissolução da hiper-realidade, no fim da simulação, como representação da verdade. R] Um Simulacro de representação, ele mesmo social, propiciado. O cordeiro de Deus. O Messias que era e que havia de vir e voltará. Tal qual sonhava Bebe água, que um dia voltaria São Cristóvão a ser a capital Sergipana. Simulação da Imagem dissolvida do não visto, para sempre. Cumprido através de imagem da palavra.

O sociólogo francês contemporâneo, a revolução educacional de maio de 1968 propõe que:

Assim é a simulação naquilo em se opõe a Representação: - Esta (a representação) parte do princípio de equivalência do signo ao real (mesmo se esta equivalência for utópica, um axioma fundamental). A simulação parte ao contrário da utopia, da negação radical do signo como valor; parte do signo como reversão e aniquilamento de toda referência. Enquanto que a representação tenta absorver a simulação interpretando-a como falsa representação, a simulação envolve todo o próprio edifício da representação como simulacro.

Seriam estas as fases sucessivas da imagem:

1. Ela é o reflexo de uma realidade profunda.
2. Ela mascara e deforma uma realidade profunda.
3. Ela mascara a ausência de realidade profunda.
4. Ela não tem relação com qualquer realidade, ela é o seu próprio simulacro puro. (Baudrillard, 1981, p.5)

Simulação ou Anti-teatro, no limite de uma simulação de uma simulação de uma simulação, (mais falsa que o falso) torna-se, portanto, impossível de ser capturada pela verossimilhança do que se chama real do ponto de vista do teatro licenciado, afirmando-se primeiro por meio da obra de Jesus através da sua morte de cruz, como ritual de compra e sacrifício perpétuo, se distanciando do caráter científico, afirmando a

ressurreição antecipada, sem, portanto, tragédia, “tragos’ “Édia” (do grego Canto do Bode) injuriados em jornada heroica; de outro lugar de onde não se vê.

Disse Paulo, na primeira carta aos coríntios, capítulo 6:20: “Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus.” (Co 1, 6,20 ).

Comprou com sangue os povos da terra, perpetuamente propiciado: “Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo”. (João, 1, 2, 2).

Com base nessas referências se torna possível este simulacro. Não o da fé, mas da própria dissolução definitiva dos simulacros. Propõe, em caráter histórico cultural, proporcionar leitura dramática alusiva à concretização do sonho de Bebe Água de voltar para São Cristóvão o título de capital, afim de discutir cláusula estadual de viés cultural e religioso que repare historicamente o povo sergipano pelos os atos do decreto de 17 de março 1855, do Governador Inácio Barbosa, com base no decreto de 1º de setembro de 1971, do Governador Paulo Barreto de Menezes.

Diz Jean Baudrillard:

Nesta passagem a um espaço cuja curvatura já não é a do real, nem a da verdade, a era da simulação inicia-se, pois, com uma liquidação de todos os referenciais – pior: com a sua ressurreição artificial nos sistemas de signos, material mais dúctil que o sentido, na medida em que se oferece a todos os sistemas de equivalência, a todas as oposições binárias, a toda a álgebra combinatória. Já não se trata de imitação, nem de dobragem, nem mesmo de paródia. Trata-se de uma substituição no real dos signos do real, isto é, de uma operação de dissuasão de todo o processo real pelo seu duplo operatório, máquina sinalética metaestável, programática, impecável, que oferece todos os signos do real e lhes curto-circuita todas as peripécias. O real nunca mais terá oportunidade de se produzir – tal é a função vital do modelo num sistema de morte, ou antes de ressurreição antecipada que não deixa já qualquer hipótese ao próprio acontecimento da morte. Hiper-real, doravante ao abrigo do imaginário, não deixando lugar senão à recorrência orbital dos modelos e geração simulada das diferenças. (Baudrillard, 1981, p.9).

Aqui também o que para Deleuze e Guattari poderia ser traduzido pela facilidade em relacionar o ser louco patológico com a representação do dinheiro, em forma e pensamento, mas não em diagnóstico; Sintoma daquilo que ele é. Está no acordo do

pacto social estabelecido através da quantidade de notas que possam o afirmar socialmente como artista do século, como fixador do exemplo.

Portanto, se o caráter patológico pode ser encarado e dissolvido de patologia a partir da esquizoanálise, o simulacro poderia, por contravenção, seduzir o teatro enquanto ponto de vista? O quanto poderia o teatro ser capaz de rasgar o véu desta simulação sem Jesus? Sem ser redimido?

Imagino uma suposta carta de Shakespeare aos epicuristas sobre uma pseudo crise do protagonismo. Todos querem o fim trágico de um Romeu. Mas o quanto se pode não ver de tal ponto de vista?

O simulacro implica grandes dimensões, profundidades e distâncias que o observador não pode dominar. É porque não as domina que ele experimenta uma impressão de semelhança. O simulacro inclui em si o ponto de vista diferencial; o observador faz parte do próprio simulacro, que se transforma e se deforma com seu ponto de vista (Deleuze, 2000, p.6).

Quando o real já não é o que era, a nostalgia assume todo o seu sentido. Sobrevalorização dos mitos de origem e dos signos de realidade. Sobrevalorização de verdade, de objetividade e de autenticidade de segundo plano. Escalada no verdadeiro, do vivido, ressurreição do figurativo onde o objeto e a substância desapareceram. Produção desenfreada de real e de referencial, paralela e superior ao desenfreamento da produção material: assim surge a simulação na fase que nos interessa – uma estratégia de real, neo-real e de hiper-real, que por todo o lado faz a dobragem de uma estratégia de dissuasão (Baudrillard, 1981, p.14).

[...] Pois há uma grande diferença entre destruir para conservar e perpetuar a ordem restabelecida das representações, dos modelos e das cópias e destruir os modelos e as cópias para instaurar o caos que cria, que faz marchar os simulacros e levantar um fantasma – a mais inocente de todas as destruições, a do platonismo. (Deleuze, 2000. p. 271).

E era já quase a hora sexta, e houve trevas em toda a terra até à hora nona, escurecendo-se o sol; E rasgou-se ao meio o véu do templo. [...] Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isto, expirou (Lucas 42:44/45).

À dinâmica do simulacro ou Anti-teatro é preciso lembrar a maneira democrática e os vieses de confirmação e afirmação social e conflito, mediados através de representações metodológicas propiciadas por estudos éticos, estéticos e políticos vinculados a história de cada “lugar de onde se não vê”, na produção do caráter simbólico ritual cotidiano de seu ponto de vista ou cosmovisão. Interpretados em sucessões de “Bom dia, boa tarde e boa noite”. Este com o objetivo de afirmar a volta de maneira litúrgica e com todas as benesses de uma restituição para a volta no original do verbo. Do grego, Parousia, chegada ou presença, ou advento, que como afirmava João Bebe Água voltar seria o destino deste lugar.

Promover um debate amplo sobre a reintegração de posse solicitada para plebiscito com possível devolução das terras à São Cristóvão, enviado ao ministério público estadual, bem como a construção dos possíveis planos de ação e decretos, baseados em sonhos de crianças de poder morar, contudo; sem deixar de apontar o olhar para as técnicas teatrais envolvidas no âmbito da produção textual, silenciosa no intertexto eleitoral, que constrói todo fazer, toda fazenda, todo agir, toda agenda desde a língua ao verbo que se fez carne. O que dá sentido à palavra. “Conhecereis a verdade é a verdade vos libertará”. (João 8:32).

Embora a academia não aceite a afirmação do Cristo ressurrecto de uma forma tradicional, aqui se faz importante salientar a proximidade atômica dos núcleos duros sociais que levam a compreender a sua agência, a sociedade civil, trabalhadora o Cidadão popular brasileiro, pobre e crente deste modo afirmando somente ser possível este trabalho pela afirmação da fé como lugar de onde se vê, das muitas senhoras da cultura popular que compunham sua arte inspiradas pelo Espírito Santo, em quadras populares para São Cristóvão fazer voltar, como João Bebe Água; e, quando posicionaram-se nesse lugar de se render diante do filho do altíssimo, foram eticamente ignoradas e diversas vezes, politicamente, apenas transpassadas em forma estética, rotuladas, ao invés de ter seu conhecimento como científico - prestação de boa fé como credence, não se faz justiça ao conhecimento nem legitima a sabedoria.

No bom combate, em lugar de fé não fingida, como se faz no direito ao juízo na crença da boa fé, por sociedade que por sua vez nos últimos 20 anos, passou por mudanças severas na sua forma de produção de capital, aprofundando as desigualdades para uma política econômica tratada como de caráter ultra-neo-liberal pela ex presidenta Dilma Roussef, aprofundada na pandemia da Covid19, na qual a morte se equiparava ao movimento de avanço socioeconômico que traduzia vida. Consolidou-se vida o dinheiro, como parecem ter previsto Felix Guatarri e Gilles Deleuze em O anti-Édipo e Mil Platôs, em 1971, e, portanto, o ser vivo, como louco patologizado, quando equiparado ao tamanho vazio do seu cotidiano, é de fato um apagado.

No ano de 2007, governo Lula da Silva, com a proposição da oficina nacional de indicação de políticas públicas para pessoas em sofrimento mental e risco social\_ Loucos pela diversidade; da identidade da cultura à diversidade da loucura\_ afirmava entre muitos discursos de ministros da saúde e da cultura, a necessidade do fazer artístico em face de promoção de saúde mental e da justiça social, através do

reconhecimento pessoal capaz de ser propiciado com o encontro com as artes, talvez como última expressão do teatro legislativo vivo e factível sem que tivessem começado ainda a farsa.

Se, portanto, pós pandemia não for mais possível fazer teatro e toda dobragem de afirmação de vida se comprova de fato seduzida pelo ideal de sedução, que se proponha um anti-teatro capaz de afirmar morte, ressurreição antecipada em cada simulacro como consciente dele mesmo, para vislumbre do que se toma por filtro da realidade, como possível de edição popular. Pois rasgado diante do altar, véu ou cara de cavalo, que possa Cristo inflamar o fogo e a vontade de afirmação de sua volta, como única resposta plausível para fazer São Cristóvão voltar.

Maranata Jesus tem misericórdia de nossa geração.

E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras. E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados; E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos. E o centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto, e as coisas que haviam sucedido, tiveram grande temor, e disseram: Verdadeiramente este era o Filho de Deus. . (Mateus 28:52,53,54).